

Robôs, uma nova espécie?

CRISTINA DE OLIVEIRA CARDOSO



○ artista português Leonel Moura, nascido em Lisboa, tem se dedicado atualmente a criação de trabalhos na área da bioart que envolvem a robótica e a inteligência artificial. Dentre suas obras, destacam-se os robôs pintores, capazes de produzir de forma autônoma, obras de arte originais. O propósito de criar robôs artistas está relacionado à perda da centralidade da autoria da obra de arte, onde o processo criativo fica em um lugar mais vago, entre o artista, a máquina e o programa. E forma uma nuvem onde o artista não é o autor. Leonel Moura problematiza em seu trabalho o conceito de cultura ligado ao humanismo, em que o humano está no centro de tudo. Segundo o artista, ao retirarmos o humano do centro e o colocarmos em uma nuvem com outros componentes igualmente importantes, contribuímos para que a humanidade viva em consonância a sua condição como espécie, e respeite as outras formas de vida.

1. Como ocorre o acesso às tecnologias no campo da bioart e as colaborações entre artista e cientista?

Há duas situações que eu diria bastante distintas. Uma relativa a tecnologias sofisticadas, mas acessíveis, os programas de computador, os algoritmos, algumas máquinas como as impressoras 3D e a robótica se for simples. Depois tem as tecnologias pouco acessíveis, como as biotecnologias, onde é preciso laboratórios e equipamentos que custam fortunas. No caso das tecnologias acessíveis, depende do artista adquirir os conhecimentos necessários, enquanto na outra situação é preciso o apoio de uma instituição, universidade ou laboratório. Por isto, no campo das biotecnologias encontramos menos artistas e a colaboração entre artista e laboratório acontece, mas não é frequente. Digamos que as pesquisas dos artistas não tem muito interesse para a ciência, e os cientistas, assim como os artistas, vivem obcecados por sua pesquisa. E todo o resto perturba. Existem poucos cientistas de alto nível disponíveis para fazer coisas diferentes e as colaborações são muito pontuais. Eu tenho colaborado com profissionais da área da robótica, mas talvez porque a robótica ainda é um campo muito rudimentar e o que eu faço é mais simples.

2. Você desenvolve a parte tecnológica dos seus trabalhos?

Eu comecei há mais de uma década e no início eu não sabia nada, tive que aprender tudo. Mas com o tempo vamos aprendendo. A programação é uma linguagem como outra qualquer e aprende-se como qualquer língua. Depende da programação. Aprender a falar francês, para nós é mais fácil do que aprender o chinês. Mas a tecnologia não é o importante para este tipo de arte. O decisivo, na minha posição, diz respeito ao conhecimento em ciência e as ideias que estão por trás do trabalho. Há uma mudança muito importante que está para suceder e que não nos damos conta. Esta mudança tem a ver com o papel das máquinas, que até pouco tempo não passavam de ferramentas e que se usava para fazer coisas. Porém, começaram a surgir novas máquinas, que são muito mais que ferramentas. Máquinas criativas, onde nós desencadeamos um processo e elas o desenvolvem. E nós aproveitamos o resultado disto.

3. Qual o seu interesse em trabalhar com as máquinas autônomas?

Nossa relação com as máquinas mudou. Elas estão muito exigentes, nos pedem para fazer coisas. A máquina é, digamos, um parceiro criativo e a relação que temos com elas acontece de forma simbiótica, na qual eu faço uma coisa e a máquina faz outra. Esta realidade altera o próprio significado do que é ser artista. Estas questões vão pondo em pauta os conceitos de artista, de arte e de cultura. Como artista, me interessa muito o componente do trabalho criativo em que dou o máximo de palavras para a máquina. Ou seja, em contradição com aquilo que é tradição do artista, que quer controlar, ser ele o gênio, e fazer tudo. Na minha posição ao contrário, eu quero fazer o menos possível e deixar que as próprias máquinas façam. Estou interessado em perder a centralidade, onde o processo criativo fica em um lugar mais vago. Eu, a máquina e o programa formamos uma nuvem, já não sou verdadeiramente o autor e a centralidade da autoria está em uma nuvem.

4. Qual a importância do trabalho do artista que utiliza a tecnologia como meio para a arte?

O papel do artista não é mais tanto o de fazer coisas, e sim desencadear processos que ganhem autonomia, sem estar muito preocupado em controlar o resultado. No meu caso que sou radical, praticamente nem faço escolha, e as pinturas feitas pelos robôs para mim são todas boas, não faço distinção, porque o processo é o importante. Tenho interesse, no trabalho do artista em arte e tecnologia, na parte em que eles estão a contribuir para uma mudança radical de paradigma do próprio conceito de cultura que temos muito ligado ao humanismo, que coloca o humano no centro de tudo. Esta visão foi interessante em uma determinada época da história, porque nos libertou de Deus, e isto permitiu ao homem ser mais livre, mais criativo. Historicamente, a conquista da centralidade do humano teve sua importância, mas também resultou em efeitos perversos como o desprezo do humano por todas as outras formas de vida e pelo planeta. Quando tudo é feito a serviço do humano, todas as barbaridades são permitidas em nome deste serviço. Ao retirarmos o humano do centro e o colocarmos

em uma nuvem, onde existem muitos outros componentes igualmente importantes, ajudamos a própria humanidade a viver em consonância a sua condição como espécie, tendo mais respeito pelas outras formas de vida.

5. No seu ponto de vista, o trabalho do artista da bioart, que utiliza as mesmas tecnologias das ciências, pode resultar em algo diferente da ciência que seja considerado arte?

Este tipo de pensamento antitecnológico é um discurso humanista e muito conservador para os tempos atuais. Nós temos que ter em mente que somos nós os observadores do universo. E neste aspecto somos o centro. Porém, o fato de sermos o observador não tem relação com a ideia da centralidade do humano, porque do ponto de vista operacional, com os meus olhos e a minha mente percebo que há outros centros, como as galáxias e demais planetas. Observo que estou no meio de muita coisa, e esta observação é a inteligente. Então, quando falamos da arte, estamos tratando de algo definido pelos humanos, que consensualmente dizem o que é ou não é arte.

A história nos mostrou como todos os movimentos artísticos importantes do século XX trataram de conquista permanente de coisas que não eram aceitas como arte e passaram a ser aceitas como tal. Portanto, se uma arte é feita por máquinas ou por algoritmos, é arte ou não, é uma questão de se chegar ao acordo sobre o que é arte. Trata-se de uma questão de evolução cultural e não um problema. Algo que acho mais interessante de se preocupar se refere à intencionalidade da arte. A obra RAP, *Robotic Action Painter*, 2006 (figuras 1, 2 e 3), trata-se de um robô que realiza pinturas abstratas. O robô pintor não tem a intenção de fazer aquele quadro, ele o fez porque o seu programa o levou a fazer. Neste caso, a minha intencionalidade como artista também existe. Do ponto de vista conceitual é a de fazer uma crítica à visão humanista da arte, do ponto de vista do processo, são as máquinas que fazem a obra, eu só desencadeio o processo.

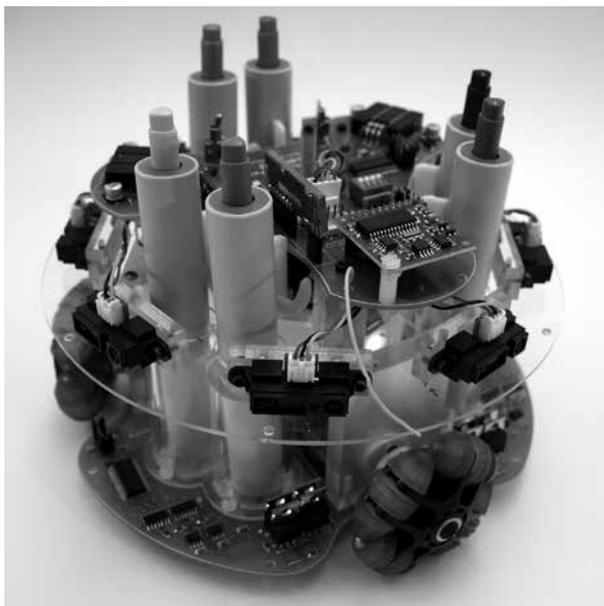


Figura 1: Robô RAP (Robotic Action Painter), coleção permanente do Museu de História Natural de Nova Iorque.

Figura 2: Moscow_05, 2011, tinta sobre papel, 85 x 85 cm, obra feita pelo robô RAP em Moscou.

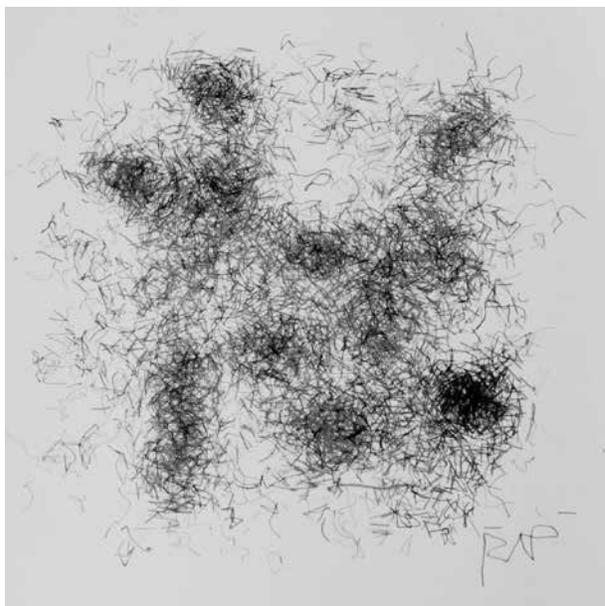
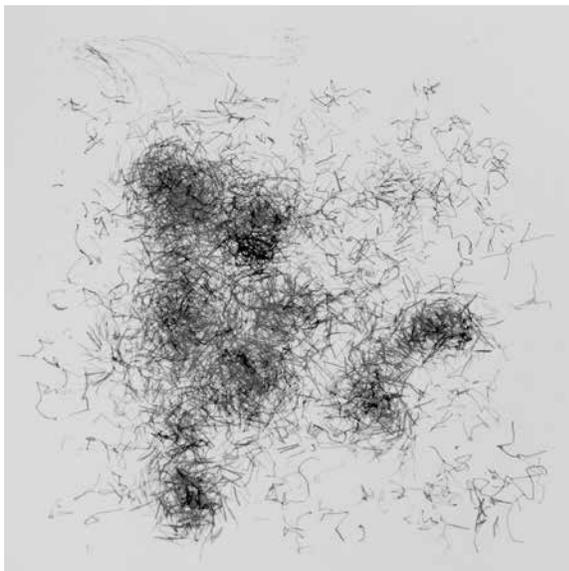


Figura 3: *Moscow_04*, 2011, tinta sobre papel, 85 x 85 cm, obra feita pelo robô RAP em Moscou.



6. Em seu trabalho percebesse a presença de referências do campo da ficção científica, principalmente no que se refere à questão dos robôs, como no caso da peça de teatro RUR, O Nascimento do Robô, 2010.

Ao trabalhar com robótica, e esta questão de olhar para os robôs, pode-se olhar para eles de duas maneiras. Uma é olhá-los como máquina e ferramenta; e outra como uma nova espécie. Por isto fiz o Robotarium X, 2007, que trata de um tipo de zoológico para robôs e a peça de teatro RUR, O Nascimento do Robô, 2010 (figuras 4 e 5), em que eles se exprimem como robôs. RUR foi rerepresentado no Brasil, na cidade de São Paulo, no Itaú Cultural. Eu alterei bastante a peça original, uma distopia, onde os robôs, as máquinas, a tecnologia e a ciência representam ameaças ao humanismo. Isto tudo tem uma razão de ser, porque na primeira guerra mundial a ciência tem um papel terrível com as bombas químicas. Então, alguns intelectuais revoltaram-se contra a ciência por ter colaborado na guerra da pior maneira. Eu mudei a peça e a transformei em uma revolta dos robôs, eles matam a humanidade, menos um cientista que fica para o final. Transformei a peça em uma guerra de libertação dos robôs que queriam se libertar dos hu-

manos e por isto a guerra. Eles não queriam fazer uma guerra, mas tiveram que fazer para se libertar. Dei a palavra aos robôs, ao invés de dá-la só aos humanos. Foi uma experiência difícil e eu gostaria de refazê-la melhor no futuro.



7. Apesar de eu acompanhar a produção de ficção científica considero muito difícil imaginar um robô como uma nova espécie.

Os robôs que existem hoje, de fato, ainda são muito rudimentares. Eu costumava mostrar nas minhas conferências os primeiros celulares, que pesavam cinco quilos e eram enormes. A robótica está caminhando devagar para ganhar autonomia, sofisticar a inteligência e entrar no campo da criatividade. Para resolver determinado problema, o robô tem que tomar decisões criativas e precisa ter alguma consciência do que está fazendo. A meu ver, nossa relação com as máquinas em médio prazo só tende a piorar. Ainda não se percebeu que uma parte da crise financeira vivenciada hoje tem relação com a introdução crescente das tecnologias nos meios de produção. Vários tipos de profissões que geravam empregos desapareceram por conta destas novas tecnologias.

Figura 4: Atriz Sandra Miyazawa contracenando com o robô Babá.

Figura 5: Atores Sandra Miyazawa, Marcos Azevedo e Beto Matos com os robôs Helena, Primus e Babá.

Estas tecnologias aparecem com força e rapidez, destruindo muita coisa. Tenho defendido que é importante começarmos a pensar mais seriamente em uma integração dos robôs na sociedade, ao nível de pagar impostos. Se isto fosse implementado hoje, os robôs estariam contribuindo para a segurança social e para o desemprego. Existem problemas para serem resolvidos, mas acho que o papel dos humanos vai ter que ser redefinido.

NOTAS

A entrevista com o artista Leonel Moura foi realizada em Lisboa, Portugal, no dia 24 de março de 2013.

Recebido em: 07/10/13

Aceito em: 08/11/13

CRISTINA DE OLIVEIRA CARDOSO

inalua79@gmail.com

É artista multimídia e pesquisadora. Possui formação em Artes Plástica, e atualmente está cursando o mestrado em Artes Visuais no PPGAV/ UDESC sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Yara Guasque.